

Digital Object Identifier (DOI): 10.38087/2595.8801.74

O TEXTO E SUA POLISSEMIA A EDUCAÇÃO EM FAVOR DA ESPERANÇA: ANÁLISE DO DISCURSO DA MÚSICA “MAIS UMA VEZ”, DO LEGIÃO URBANA

¹ Dulcilene Ribeiro Soares Nascimento

RESUMO

O presente artigo discute a partir de uma análise polissêmica as possíveis e diversas leituras feitas a partir do texto Mais uma vez, do Legião Urbana. Entendendo o texto como unidade de estudo essencial não só na Língua Portuguesa, mas no todo multidisciplinar e como unidade básica da interação verbal, busca-se aqui através do conceito de análise de discurso delimitar as várias possibilidades de leitura implícitas no texto em questão. Mostra como esse tipo de texto pode trabalhar gêneros textuais em sala de aula e principalmente como o reforço contido em sua letra pode promover uma educação para a esperança.

Palavras-Chave: Análise Polissêmica. Leitura, Análise De Discurso, Interação Verbal.

ABSTRACT

This article discusses from a polysemic analysis the possible and several readings made from the text Once again, of the Urban Legion. Understanding the text as an essential unit of study not only in the Portuguese language, but in the multidisciplinary

whole and as a basic unit of verbal interaction, we seek here through the concept of discourse analysis to delimit the various possibilities of reading implicit in the text in question. It shows how this type of text can work textual genres in the classroom and especially how the reinforcement contained in its letter can promote an education for hope.

Keywords: Polysemic Analysis, Reading, Discourse Analysis, Verbal Interaction.

¹ Dulcilene Ribeiro Soares Nascimento é PHD e Doutora em História, Mestre em Ciência Política, Cidadania e Governança, Mestre em Educação, Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa com extensão em Educação e Licenciada em História. Atualmente é Diretora Internacional dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação da UniLogos®

INTRODUÇÃO

Por muito tempo o trabalho com texto na escola ficou relegado à análise linguística. Orações e períodos eram a base de estudos do texto esvaziando lhes assim a função, o sentido e o fim primeiro que era a compreensão do todo pelo aluno. Só muito recentemente o texto passou a ser visto como unidade de estudo essencial e pressuposto básico para a interação verbal, isso com o reflexo das contribuições da Linguística Textual, da Teoria dos Gêneros, da Sociolinguística, da Análise do Discurso.

A participação dessas disciplinas foi de extrema importância, pois a partir, por exemplo, da Teoria dos Gêneros, ampliou-se a noção de que é a diversidade e variedade de gêneros presentes numa língua é que dão forma à mesma.

“Os gêneros textuais são formas relativamente estáveis de enunciados que se definem por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços lingüísticos, extremamente ligados aos contextos (condições e finalidades) nos quais estão inseridos. É por esta dependência com relação ao contexto que eles são historicamente variáveis.

Assim, a imensa diversidade de gêneros é que forma a língua.” (BAKTHIN ,1997).

Considerando que a escola é o lugar onde a comunicação diversa se concretiza e que ao professor cabe a tarefa de reelaborar com o aluno a forma como ela é concluída, a forma como interage no processo, nada mais adequado que trazer situações onde o ensino da língua esteja próximo ao contexto. Isso inclui a utilização de músicas, poemas, artigos, livros, revistas, enfim,

Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (PCN, 1997, p.30).

Entendendo que o texto deve ser um instrumento que deverá unir os conteúdos das disciplinas a um contexto social que deverá provocar o prazer da leitura a princípio e posteriormente a reflexão e a realização do trabalho proposto, o professor deverá ter em mente que essa proposta é interdisciplinar e, portanto, passível de análise, preparo, delimitação de objetivos e coerência nas atividades propostas, pois o conhecimento adquirido ali ultrapassa os limites da escola.

Dessa forma, uma seleção variada de gêneros seria muito útil para orientar a programação curricular, seja enquanto definição de princípios seja enquanto delimitação de objetivos, conteúdos e atividades. A diversidade textual, que existe fora da escola, pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno (PCN, 1997, p.34).

Para além de um mero trabalho linguístico, o trabalho com gênero, promove uma inserção social, uma comunicação mais ampla, uma vez que o domínio de várias formas de expressão e comunicação pode assegurar um pouco mais um exercício mais pleno de cidadania, objetivo maior dos programas curriculares.

A análise linguística dos textos por sua vez, deve partir do pressuposto que a finalidade de todo ato não é só de informar. Ele tem o propósito da argumentação que é, simplesmente,

convencer o outro a aceitar o que se pretende comunicar através dos textos que exploram os mecanismos sintáticos e semânticos para provocar no leitor a crença no ato de transmitir. Qualquer passagem, falada ou escrita, é representada por um texto, sendo um todo significativo, independentemente de sua extensão. Para o leitor o todo significativo desses textos, só acontece juntamente com o contexto, uma vez que o leitor não se encontra no momento da comunicação. Se o leitor não pode esclarecer suas dúvidas, de compreensão com o próprio autor, é necessário que o texto escrito seja explorado em suas características explícitas. (Nogueira,2002).

Para discutir um pouco as possibilidades do gênero, da análise linguística e, sobretudo do discurso nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, é que utilizamos aqui a análise de mais uma vez, música do Legião Urbana que tornou-se um exemplo daquilo que Orlandi categoriza dentro da Análise de Discurso, de discurso polissêmico.

CONCEITUANDO A ANÁLISE DO DISCURSO

Entende-se por Análise de Discurso uma prática do ramo da Linguística e da Comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto. A Análise do Discurso enquanto categoria surge no final dos anos 1960. Pêcheux (apud CHARAUDEAU, 2004, p. 46). Coloca em cena o discurso como objeto de análise. Este elemento diferencia-se tanto da língua, quanto da fala. Não é a mesma coisa que transmissão de informação, nem é um simples ato do dizer. O discurso evoca uma exterioridade à linguagem – a ideológica e o social. Por isso a Análise de Discurso é mais utilizada para analisar os textos midiáticos.

Segundo a Análise do Discurso, o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Quando pronunciamos um discurso agimos sobre o mundo, marcamos uma posição - ora selecionando sentidos, ora excluindo-os no processo interlocutório.

Nesse sentido, ainda que provindo do indivíduo, o discurso é uma prática social de construção de textos, não-individual, portanto, só pode ser analisada considerando seu contexto sócio-histórico e suas condições de produção. Significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada necessariamente vinculada à seu autor e à sociedade em que vive.

Na categorização da Análise do Discurso, a linguagem não é um simples instrumento de comunicação ou de transmissão de informação. Ela é mais do que isso, pois também serve para não comunicar. A linguagem é o lugar de conflitos e confrontos, pois ela só pode ser apanhada no processo de interação social.

Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas (FERNANDES, 2005, p. 20)

A unidade do discurso é um efeito de sentido, como Orlandi explica, “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (1987, p. 15). Os discursos se movem em direção a outros. Nunca está só, sempre está atravessado por vozes que o antecederam e que mantêm com ele constante duelo, ora o legitimando, ora o confrontando.

A formação de um discurso está baseada nesse princípio constitutivo – o dialogismo. Os discursos vêm ao mundo povoado por outros discursos, com os quais dialogam. Esses discursos podem estar dispersos pelo tempo e pelo espaço, mas se unem porque são atravessadas por uma mesma regra de aparição: uma mesma escolha temática, mesmos conceitos, objetos, modalidades ou um acontecimento.

A Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 1993, p. 15-16).

Nesse sentido, a verdade é uma construção discursiva. A evidente naturalidade, na verdade, é uma miragem discursiva. Os políticos criam essa miragem e enganam centenas de pessoas. O alvo de todo grupo político é se tornar em força hegemônica.

A hegemonia é sustentada pelo discurso. Daí não é difícil chegar à conclusão de que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, é o poder do qual nos queremos apoderar”, já diria Foucault (1999, p. 10 apud CARNEIRO, 2007). Tomar a palavra jamais representa um gesto ingênuo, pois sempre está ligado a relações de poder.

Portanto, a Análise do Discurso não foi projetada para ser apenas um simples campo de estudo, mas para ser um instrumento de luta política. Dentre outras funções, pretendia desmascarar as verdades construídas por políticos oportunistas, pois a verdade é “sempre uma reta em direção ao poder” (CARNEIRO, 2007).

Conhecer a produção, a circulação e a recepção dos discursos passaram a ser uma atitude revolucionária, pois expunha as entranhas da relação do saber científico com as técnicas de poder. Daí a importância de relacionar um acontecimento discursivo às condições históricas, econômicas e políticas de seu aparecimento. Até porque, no bojo de sua formação, houve inúmeras micro resistências que precisam ser resgatadas, pois também significam. Nesse sentido é que aqui se faz um resgate da canção “Mais uma vez” do grupo Legião Urbana, situada no ano de 1987.

Ainda em Orlandi observamos que na sua concepção de Análise de Discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico, parte do social e do histórico constitutivos do homem. Não há desprezo pelas regras gramaticais que compõem a língua. Ocorre o contrário, o trabalho nessa perspectiva

teórica, analisa de que forma os diferentes discursos acontecem e de que maneira as estruturas linguísticas contribuem constitutivamente para a elaboração, a confirmação, a cristalização de uma ideologia por meio de um discurso.

DISCURSO E LEITURA

A leitura é produzida em condições determinadas e em um contexto sócio-histórico que deve ser levado em conta no processo de interpretação. O processo de leitura mobiliza, no mínimo, duas posições-sujeito: o sujeito-autor que, a partir da posição sujeito em que está inscrito, recupera do interdiscurso enunciado já-ditos e produz um efeito-texto com início, meio e fim.

O texto é o produto da atividade discursiva, o objeto empírico da Análise do Discurso. É esse texto que será lido e interpretado pelo sujeito-leitor. Esse também é o objeto no qual se debruça o analista para buscar as marcas de sua investigação científica. O texto, por sua vez, também é interpelado ideologicamente e vai, a partir de seu lugar social produzir a sua leitura.

A produção de sentidos vai depender de outras leituras e de um conhecimento ou não do contexto sócio-histórico em que esse texto se insere, pois para interpretar, o sujeito-leitor vai desconstruir o texto, e fazer emergir a heterogeneidade constitutiva do discurso, e (re)construir um novo texto, à medida que produz sentidos.

Assim as reflexões sobre os processos referidos levam à compreensão de que a prática discursiva da leitura ocorre à luz da memória discursiva, pois o sujeito-leitor, ao desconstruir o texto, faz inferências, produz subentendidos e reconhece textos já-ditos. É o que aqui se chama de intertextualidade.

Para Charaudeau e Maingueneau (2002), a intertextualidade “designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante da interdiscursividade” (2004: 288-289).

O DISCURSO CONTIDO E O INCONTIDO

Para Orlandi a leitura depende das condições e dos objetivos em que é produzida e, claro, lida, e, ainda, dos tipos discursivos em que está ancorada. Portanto, condições de produção e recepção, objetivos da leitura, tipos discursivos, ao emanarem das relações intersubjetivas e interlocutivas que se estabelecem nessa dinâmica, fazem do ato de ler um processo interativo e fazem do texto não um mero espaço de informações, mas um lugar de significação e sentido. (ORLANDI, 1987:196).

Ainda segundo essa autora, enquanto mediadora (transformadora) entre o homem e a sua realidade natural, social, a leitura deve ser considerada no seu aspecto mais consequente, que é o da compreensão e não da decodificação. “...o aluno traz para a leitura a sua experiência discursiva que inclui sua relação com todas as formas de linguagem.”(Orlandi,1998,38).

Orlandi assim afirma que a conjuntura intelectual da Análise de Discurso se constitui pela análise do sentido das atividades linguísticas, construída em práticas sócio-históricas. O seu conteúdo vai além da interpretação, busca a compreensão de como os objetos simbólicos constituem-se para os partícipes na prática linguístico-discursiva.

Para isso a autora distingue inteligibilidade de interpretação e de compreensão que são os gestos que constituem a prática linguístico-discursiva. A primeira situa-se no sentido da língua, a segunda relaciona-se ao sentido situacional e contextual da prática. A terceira vai além disso. A compreensão ocorre quando se entende de que forma o representacional (simbólico) é produzido pelo e para os sujeitos.

Os textos, na perspectiva da Análise de Discurso, são efeitos de sentidos construídos em condições determinadas, o que é chamado de contexto situacional, este é a representação simbólica individual provocada a partir de um contexto cultural, cuja representação é arbitrária e construída sócio-historicamente.

Entre o situacional e o cultural, há o imediato que é o contexto em que o fato acontece no momento da prática linguístico-discursiva. O contexto sociocultural está

relacionado ao que a autora chama de interdiscurso, vozes emergentes no texto pela experiência, pelo saber discursivo não-dito, mas revelado e sustentado no texto enquanto prática interdiscursiva.

Ela distingue intertexto de interdiscurso, este é o não-dito que determina e emerge no dito, já aquele é a relação de um texto com outros textos. O intertexto é manifesto no texto, já o interdiscurso está submerso no texto, construído pelo esquecimento enunciativo ou ideológico. O interdiscurso é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos construídos pelos sujeitos

Ao analisar o discurso de um texto e de como a temática deste texto é reconstruída na individualidade de cada um, é possível acharmos semelhanças ideológicas de concepções de mundo e assim enxergarmos a sociedade a partir do ponto de vista que considera “a linguagem como uma forma de prática social” (ORLANDI, 1998:20). A linguagem é a mediadora social que homogeneiza a heterogênea gama de sujeitos sociais e plurais e muito mais que isso, subjetivos.

Quando falamos em subjetividade, não podemos perder de vista que ela é formada com base na materialidade constituída pela manifestação de vários discursos, instituindo um eu plural, que expressará, num movimento espiralado, sua reelaboração desses discursos, utilizando-se, para isso, da matéria-prima com a qual eles se formaram – ou seja, os signos da sociedade em que tais discursos circulam. (BACCEGA, 2002:17) .

É através dessa subjetividade expressa que se realizam os discursos individuais ou sociais que revelam a ideologia da sociedade. Na observação do funcionamento dos tipos discursivos, Orlandi chega a uma classificação dos tipos considerando duas questões ou hipóteses: a) a interação (reversibilidade, troca de papéis ou de status entre os interlocutores; b) relação entre polissemia e paráfrase, isto é, a possibilidade ou não de múltiplos sentidos.

Nesse ponto a autora entende o processo parafrástico como aquele que reproduz o já dito e instituído; é o discurso do mesmo, do legítimo, ao contrário do

processo polissêmico, que, responsável pela ruptura com o código conhecido e instituído, provoca a origem de novos e múltiplos sentidos.

POLISSEMIA, O QUE É.

Segundo J. Mattoso Câmara Júnior (1985: 194), polissemia é definida como “propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de um contexto” e essa propriedade, presente em todas as formas da língua.

Quando os significados de uma palavra são relacionados, damos à situação o nome de *polissemia*. Segundo Lyons (1980) “A polissemia ou significado múltiplo, é uma propriedade de lexemas simples, ou seja, um mesmo item lexical possui mais de um significado.

Assim entendemos que polissemia é o que ocorre quando um vocábulo representa mais de um significado. Com essas definições, podemos perceber que a polissemia é quando vão surgindo outros sentidos em um lexema e aumentando a relação entre seus significados.

Orlandi (2002) afirma que:

O funcionamento da linguagem ocorre a partir de processos: parafrástico ou polissêmico. A parafrase é o retorno ao já dito sob diferentes formulações, a polissemia é o desvio no processo de significação. Esses processos colaboram continuamente, de forma produtiva e criativa, respectivamente, para a construção do discurso, dos sentidos que se ressignificam nas práticas linguístico-discursivas.

Assim nenhuma atividade linguístico-discursiva é neutra, ela sempre insurge de textos e produz, de forma contínua, outros textos. Do ponto de vista social, todo discurso revela e vela ideologias constitutivas do homem. A significação da palavra e a significação do mais complexo discurso não são unívocas. Ela é determinada socialmente, alojada na memória e trazida à lembrança, quando necessário, para a interpretação e elaboração de novos discursos. A interpretação e a compreensão se dão sob o amparo da ideologia.

Orlandi nos passa a ideia de que não há discurso sem repetição. Pode-se afirmar, assim, que não há discurso original, somos interpelados por outros discursos, repetimos o tempo todo. E nossa memória funciona como agente nessa repetição, ligada, é claro, à história.

Entra, então, a capacidade do sujeito em criar sentidos, transferindo-os para o simbólico, permitindo a diversidade de sentidos para que ele possa ter sentido. A repetição, por si só, não produz efetivamente um discurso, pois não tem sentido quando não se sabe por que se repete. Por outro lado, quando a repetição é histórica, podemos recriar sentidos, produzindo, assim, a polissemia, o diferente.

Ainda no que se refere à polissemia, o texto tem um sentido e o aluno deve apreender esse sentido. Na perspectiva da análise de discurso, porém, a leitura não é apenas decodificação, mas apreensão de um sentido, de uma informação que está dada no texto. O texto não é apenas produto, mas significação.

Assim, o leitor não apenas apreende o sentido que está no texto, mas atribui sentidos a ele (cria, faz associações), compreende o texto. A leitura é o momento crítico da constituição de um texto, um momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação.

A leitura polissêmica se define assim, pela atribuição de múltiplos sentidos ao texto. Trata-se de livre interpretação. Na polissemia, tem-se o deslocamento, a ruptura dos processos de significação. É o discurso imprevisível. Para o aluno, aqui estaria o novo, o espaço da liberdade. (ORLANDI,2002).

Em relação ao processo pedagógico Orlandi afirma:

Assim, é preciso compreender e levar em conta, desde logo, pelo menos três pontos essenciais no processo pedagógico (ORLANDI, 1988): a) o aluno convive em seu cotidiano com diferentes formas de linguagem. A relação do aluno com o universo simbólico não se dá apenas por uma via— a verbal —, mas ele convive com diferentes formas de linguagem. O aluno não lê só na escola, mas também fora dela. Ele convive com a

música, a pintura, a fotografia, o cinema, com o som, com a imagem, com linguagens artificiais. Essas linguagens se articulam em vários momentos. E é essa articulação que pode ser explorada na escola b) não se pode excluir a relação do aluno com outras linguagens e sua prática de leitura não-escolar. O aluno não está no grau zero. O seu conhecimento é suposto pela escola, mas recusado, desvalorizado. Isso cria uma relação coercitiva do método de ensino sobre o processo de aprendizagem – para que o ensino não seja inteiramente coercitivo, seria conveniente explicitar que o aluno não está no grau zero, nem o professor se encontra no grau dez; c) cabe dizer que, se considerada a dimensão das formações imaginárias, constitutivas do funcionamento do discurso, há um jogo de imagens, de antecipações, que conta nessa relação: o aluno é a imagem social do aluno, qual seja, aquele que não sabe e está na escola para aprender, e o professor é idealmente aquele que possui o saber e está na escola para ensinar – aqui há um apagamento do cientista, pois o saber do pesquisador, apropriado pelo professor, confere a este a posição de autoridade definitiva. Orlandi (1988)

Segundo Orlandi (1998), partindo do pressuposto de que a leitura tem sua história, há vários elementos que podem determinar a previsibilidade da leitura, embora não se possa dizer que isso é absoluto, pois é sempre possível nova leitura dele (aspecto polissêmico) (grifo meu).

MAIS UMA VEZ, (Legião Urbana)

Mas é claro que o Sol

Vai voltar amanhã

Mais uma vez, eu sei

Escuridão já vi pior

De endoidecer gente sã

Espera que o Sol já vem

Tem gente que está do mesmo lado que você

Mas deveria estar do lado de lá

Tem gente que machuca os outros

Tem gente que não sabe amar

Tem gente enganando a gente

Veja nossa vida como está

Mas eu sei que um dia a gente aprende

Se você quiser alguém em quem confiar

Confie em si mesmo

Quem acredita sempre alcança

Mas é claro que o Sol

Vai voltar amanhã

Mais uma vez, eu sei

Escuridão já vi pior

De endoidecer gente sã

Espera que o Sol já vem

Nunca deixe que lhe digam

Que não vale a pena acreditar no sonho que se tem

Ou que seus planos nunca vão dar certo

Ou que você nunca vai ser alguém

Tem gente que machuca os outros

Tem gente que não sabe amar

Mas eu sei que um dia a gente aprende

Se você quiser alguém em quem confiar

Confie em si mesmo

Quem acredita sempre alcança

Quem acredita sempre alcança

Quem acredita sempre alcança

Quem acredita sempre alcança

Quem acredita sempre alcança

Quem acredita sempre alcança

Quem acredita sempre alcança

Quem acredita sempre alcança.

Segundo dados da Wikipédia “Mais uma Vez” é uma canção composta por Renato Russo e Flávio Venturini em 1986 e lançada como o primeiro single do álbum Sete, da banda 14 Bis, em 1987.

Seu título já denota polissemia quando reforça repetição: mais uma vez. Sua letra fala de esperança, o eu-lírico ao tempo em que parece que trata de si mesmo e de uma situação interna, parece dar uma mensagem aos demais.

Situada no contexto de finais dos anos 80 a música, ano de efervescência do rock nacional e onde o Brasil recém saído do período da Ditadura Militar ansiava por esperança e realizações. O autor parece se referir a esse período histórico recente quando diz: *“Escuridão já vi pior. De endoidecer gente sã”*.

O sol enquanto astro referenciado na música no sentido denotativo na primeira frase, *“Mas é claro que o Sol, Vai voltar amanhã”*, aparece na segunda no sentido conotativo representando esperança: *“Espera que o Sol já vem.”*

Todo o texto para embasar o sentido do texto fala de sentimentos e emoções negativas que o eu-lírico observa ao seu redor. Esse trecho reforça a situação no país naquele ano em que houve a instalação da Assembleia Nacional Constituinte, onde a situação de alguns estados brasileiros precisara de intervenção federal frente a pobreza e a fome, ano de lançamento do Plano Bresser onde houve o congelamento de salários, ano do primeiro grande acidente radioativo no Brasil ocorrido em Goiânia. Ano em que a política no Brasil daria grandes passos no sentido de fomentar um regime social-democrata /socialista.

“Tem gente que machuca os outros

Tem gente que não sabe amar

Tem gente enganando a gente

Veja nossa vida como está.”

Politicamente, historicamente o eu-lírico se sente enganado, ludibriado, mas a esperança é mantida com o sol que retornará amanhã. O reforço da frase *“Quem acredita sempre alcança”* por 11 vezes reforça a ideia de que o poeta acredita no futuro melhor, partindo principalmente da auto-confiança: *“Confie em si mesmo”*.

Como dito em trecho acima, Orlandi nos passa a ideia de que não há discurso sem repetição. Pode-se afirmar, assim, que não há discurso original, somos interpelados por outros discursos, repetimos o tempo todo. E nossa memória funciona como agente nessa repetição, ligada, é claro, à história.

Apesar dos vários momentos de reforço negativo e daquilo que pode não dar certo, o texto fala de esperança, e é contextualizado em um Brasil que acreditava que esperança repousava na democracia recém obtida através da destituição do militares. Esse texto, além de um fabuloso trabalho de análise de discurso e da sua polissemia é um instrumento motivacional para uma análise da educação que se tinha na década de 80, a que se tem atualmente e a que queremos projetar.

“Veja nossa vida como está

Mas eu sei que um dia a gente aprende.”

E como recado final do poeta: Quem acredita sempre alcança.

A Análise do Discurso aqui vai articular o linguístico ao sócio histórico e ao ideológico, colocando a linguagem na relação com os modos de produção social. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Há, entre os diferentes modos de produção social, um modo de produção social específico que é o simbólico.

Há pois práticas simbólicas significando (produzindo) o real. A materialidade do simbólico assim concebido é o discurso. (ORLANDI, 2002). Assim, um discurso autoritário o é pelo seu funcionamento. Pouco importam as intenções de seu locutor. Portanto não é uma questão moral. É uma questão linguístico-histórica, ideológica. E não há sujeito sem ideologia.

Ao analista do discurso interessam a materialidade do texto, as suas condições de produção em relação à memória ideológica, ao contexto situacional, imediato e cultural, ao esquecimento, ao inconsciente, à falha, ao equívoco (metáforas,

polissemias, ambiguidades) que são as formas constitutivas do intradiscurso concretizadas no texto.

Considera-se a materialidade textual como exterioridade social que contribui para a elaboração de uma atividade linguístico-discursiva. Como procedimentos de análise, Orlandi registra a textualidade e a discursividade, a primeira é definida pelas condições de produção, o texto é texto porque significa e ressignifica em um momento histórico.

CONCLUSÃO

Compreender como acontece essa unidade linguístico-discursiva é mais importante para a Análise do Discurso do que compreender a estrutura linguística: a forma que a realiza. É certo que o modo da estrutura é determinado pelos contextos. O discurso é recolha e disseminação simultâneas de textos, os quais também são recolha e disseminação do sujeito, cuja manifestação ocorre subjetivamente de várias maneiras em um texto. O discurso é uma prática, a linguagem é o seu lugar, ela implica ideologia, esta é o valor imbricado na construção dos sentidos, constitui-se sócio historicamente.

Para o analista do discurso, entender, interpretar um texto é confrontar o dito com o não-dito implícito, é trabalhar nos limites da interpretação, é perceber a negação que está em uma afirmação e vice-versa, é compreender o que subjaz o dito. E há muitas maneiras de dizer algo sem dizê-lo claramente. Há atitudes e práticas linguísticas não ditas que dizem mais do que os ditos.

Para o professor, possibilitar essas análises em sala de aula, além de enriquecer o repertório do aluno, possibilita o desenvolvimento de uma educação humanista e voltada para a sensibilização e inteligência artística e emocional.

REFERÊNCIAS

- BAKTHIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. Martins Fontes: SP, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos Temas Transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 169-200. 436p.
- BRANDÃO, CARNEIRO. CHARAUDEAU, <http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introductorias-analise-do-discurso>
- CAVALCANTI. <http://socioedutec.blogspot.com/2009/05/trabalhando-musica-em-sala-de-aula.html>
- BACCEGA, LYONS, FERNANDES. <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno02-02.html>, disponível em 09/08/2010.
- CHARAUDEAU, Patrick et MAINGUENEAU, Dominique. (sous la direction de). **Dictionnaire d'Analyse du Discours**. Paris: Seuil, 2002.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. ENSINO FUNDAMENTAL: **Língua Portuguesa**. Brasília. MEC/SEF. 1997.
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, São Paulo, Pontes, 1987.
- _____, Eni. **Discurso & leitura**. São Paulo, Cortez, 1998.
- _____, Eni Puccinelli, **Análise do discurso, princípios e procedimentos**. Campinas; SP: Pontes, 4ª edição, 2002.
- RÉCHE, D. Teixeira, A. **Discurso e leitura na avaliação educacional**. IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso. UFRGS. 2009.



[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais_uma_Vez_\(can%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais_uma_Vez_(can%C3%A7%C3%A3o))